

Capítulo II

Fernando Pessa e o Jornalismo Radiofónico: do Pioneirismo na Emissora Nacional à BBC

*Fernando Pessa and Radio Journalism:
from the Pioneering Role at Emissora Nacional
to the BBC*

Nelson Ribeiro

Universidade Católica Portuguesa/CECC
nelson.ribeiro@ucp.pt
ORCID ID: 0000-0003-4724-550X

Resumo: O conceito de jornalismo radiofónico era inexistente nas primeiras décadas de afirmação do meio sonoro. Tal não impediu que a rádio tivesse sido, desde o seu dealbar, um meio utilizado para a transmissão de notícias e de informações consideradas de relevo para o público. No caso português, Fernando Pessa foi um dos primeiros locutores a ficar conhecido pelo trabalho de reportagem e pela apresentação de noticiários, inicialmente na Emissora Nacional e posteriormente nas secções brasileira e portuguesa da BBC. Desde o início do seu ingresso na Emissora, em 1935, procurou romper com o tom monocórdico imposto pela estação oficial aquando da leitura dos noticiários, procurando tirar partido das várias potencialidades da linguagem radiofónica. Acabaria por desenvolver um estilo próprio de locução que em muito contribuiu para o sucesso dos blocos noticiosos da BBC em Portugal no decurso da IIª Guerra Mundial. O percurso de Fernando Pessa na rádio confunde-se com a história do desenvolvimento da informação radiofónica em Portugal, tendo tido a capacidade de cativar largos segmentos do público para a escuta de reportagens, crónicas e noticiários.

Palavras-chave: censura; Emissora Nacional, jornalismo radiofónico; reportagem; serviço português da BBC.

Abstract: The concept of radio journalism was non-existent in the first decades of affirmation of the audio medium. This did not, however, prevent radio from having been, since its onset, a means used for transmitting news and information considered of importance to the public. In the Portuguese case, Fernando Pessa was one of the first announcers to become known for his work as a reporter and news presenter, initially at the Portuguese State Broadcaster (Emissora Nacional) and, later, at the Brazilian and Portuguese sections of the BBC. Since joining the Lisbon broadcaster in 1935, he sought to break with the monochord tone imposed by the station on its announcers when reading the news. He thus sought to take advantage of the various potentialities of radio language. He would eventually develop his own style of radio presentation that was pivotal for the success of BBC newscasts in Portugal during the Second World War. Fernando Pessa's path on radio is intertwined with the history of the development of radio news in Portugal. Large segments of the public tuned to the radio to listen to his reportage, chronicles and newscasts.

Keywords: BBC Portuguese service; censorship; Emissora Nacional; radio news; reportage.

Introdução

Fernando Pessa foi uma das primeiras vedetas da rádio portuguesa, que se notabilizou, num primeiro momento, pelas reportagens que realizou na Emissora Nacional e, posteriormente, por ter sido a voz dos noticiários e de diversas rubricas informativas e de entretenimento transmitidas pelo Serviço Português da BBC durante a IIª Guerra Mundial. Após diversas décadas ligado à rádio, foi um dos primeiros locutores a surgir no pequeno ecrã em Portugal, tendo participado nas emissões experimentais da RTP, empresa com a qual haveria de colaborar até meados dos anos 90.

Tendo sido um dos locutores portugueses mais conhecidos do público nos anos 30 e 40, a sua vida profissional está inextricavelmente ligada ao nascimento da informação radiofónica em Portugal. Aquando do seu ingresso na Emissora Nacional a profissão de jornalista não existia na orgânica da estação pública, tão pouco haviam sido definidos os limites dos géneros notícia, reportagem e crónica. Tal permitiu-lhe explorar formatos e géneros num período em que a linguagem radiofónica estava ainda a dar os primeiros passos para se emancipar da linguagem utilizada pela imprensa. Algumas das funções que desempenhou viriam a ser

consideradas, décadas mais tarde, próprias da profissão de noticiarista — um conceito nascido nos anos 60 — que haveria de anteceder o aparecimento do conceito de jornalista de rádio. Fruto do seu pioneirismo, mas também da sua boa dicção e do seu estilo ao microfone, granjeou um grande reconhecimento junto dos ouvintes, tanto da Emissora Nacional como da BBC. Enquanto profissional de rádio, definia-se sobretudo como um locutor, mas, como discutirmos neste capítulo, à época tal significava apresentar e, em muitos casos, produzir conteúdos informativos mas também de entretenimento. No caso específico de Fernando Pessa, notabilizou-se, não apenas, mas sobretudo, pelas reportagens e pelos noticiários que realizou e apresentou nas duas estações a que esteve ligado.

Ao contrário do cânone contemporâneo, em que o locutor de rádio é responsável por segmentos de programação que não seguem a deontologia jornalística, por oposição aos jornalistas que assumem a produção de noticiários e de programas informativos, até ao final da IIª Guerra Mundial esta distinção de papéis não existia. Em Portugal, à semelhança de muitos outros países, não obstante a profissão de jornalista já existir na imprensa, na rádio seria necessário esperar até aos anos 60 pela afirmação do jornalismo com o aparecimento de uma nova geração de profissionais que viria a romper com as normas de produção noticiosa então existentes (Santos, 2014). Como Michael Schudson (1978) demonstrou, foi a partir da definição do conceito de objetividade como elemento central da produção informativa que o próprio jornalismo se pôde diferenciar de outras atividades. No caso da rádio, demoraria mais tempo até o trabalho jornalístico se afirmar como um campo autónomo pelo que, nas primeiras décadas do meio sonoro, a norma era o mesmo locutor ser responsável pela apresentação e, em alguns casos, pela produção de programas informativos e de entretenimento. No contexto específico da Emissora Nacional, aos locutores competia igualmente a apresentação de programas e rubricas de propaganda do Estado Novo.

Neste capítulo apresentamos o percurso de Fernando Pessa na rádio em Portugal e na Grã-Bretanha, demonstrando o seu papel na experimentação de géneros radiofónicos que se viriam posteriormente a vulgarizar, como foi o caso da reportagem. Procuraremos igualmente descortinar o modo como a sua prática profissional no estrangeiro influenciou a forma de pensar a informação radiofónica em Portugal pelo impacto que teve junto das audiências. A investigação aqui apresentada é baseada em fontes documentais provenientes de diversos arquivos, localizados em Lisboa, em Londres e em Caversham e no registo de uma entrevista realizada com Fernando Pessa em 2001.

1.O Locutor-Repórter na Emissora Nacional

Após um período de sete anos no Brasil, onde trabalhou no ramo dos seguros, em 1934 Fernando Pessa concorreu ao primeiro concurso aberto pela Emissora Nacional para

a contratação de locutores, o que lhe valeu o ingresso na estação oficial que se encontrava então em período de emissões experimentais. Nos primeiros tempos, as suas funções resumiram-se ao serviço de cabina, ou seja, à apresentação de programas musicais e de palestras. Fernando Pessa era então um dos três locutores da Emissora Nacional, a par de Maria de Resende e Áurea Rodrigues, que se haveriam de manter como o trio de vozes da estação até novembro de 1936, data em que Pedro de Avilez se juntou à equipa de locução.¹ Fruto do contexto social da época, e das restrições impostas à atividade profissional das mulheres, Fernando Pessa não demoraria a destacar-se das suas colegas na realização de diretos a partir do exterior — “algo que uma senhora não fazia”.² O facto de ser o único homem contratado como locutor permitiu-lhe iniciar o serviço de exteriores da Emissora Nacional com a realização de reportagens que mereceram a atenção da imprensa e dos ouvintes, pela novidade que tal representava na oferta de programação da rádio oficial. A primeira reportagem que realizou terá sido a cobertura do Festival Aéreo da Amadora, em Novembro de 1934.³ Ao recordar o modo como o Diretor Técnico da estação lhe comunicou que, pela primeira vez, iria realizar uma transmissão a partir do exterior, Fernando Pessa revela como os primeiros anos da Emissora Nacional foram claramente marcados por um clima de experimentação de novas tecnologias e de novas formas de fazer rádio:

Um dia [...] o engenheiro Manuel Bívar chamou-me e disse: “Você vai fazer um exterior”. Eu disse: “Mas o que é isso de fazer um exterior?”. Ele explicou: “Vamos pôr-lhe um microfone ao pescoço e você vai para a rua dizer aquilo que está a ver. Nessa ocasião houve um grande acontecimento de aeronáutica. [...] Fui para lá, fiz aquela coisa, cheguei ao fim e agradou. Agradou [...] e fiquei logo locutor de exteriores. [...] Nunca mais parei de andar de um lado para o outro, de Norte a Sul do país, a fazer reportagens das coisas que iam acontecendo.”⁴

O interesse que as reportagens no exterior suscitaram desde os primeiros tempos da Emissora Nacional são a ilustração do quanto os profissionais da época valorizavam a instantaneidade do meio sonoro e a sua capacidade de levar aos ouvintes a sonoridade dos eventos que até então apenas havia estado acessível a quem os presenciasse ao vivo. Tal permitiu a criação de comunidades de ouvintes que — embora estando distantes no espaço — acompanhavam os mesmos programas e eventos em simultâneo. O consumo síncrono, que se haveria de manter como uma característica essencial da rádio durante longas décadas, possibilitou

1 “Os quatro locutores da Emissora Nacional”, *Rádio-Semanal*, 14 novembro 1936.

2 Entrevista a Fernando Pessa, 19 julho 2001.

3 *Rádio-Semanal*, 10 novembro 1934. Registo fotográfico disponível em https://www.rtp.pt/antena1/historia/festival-aereo-da-amadora-128247_11097, consultado a 3 de janeiro de 2022.

4 Entrevista a Fernando Pessa, 19 julho de 2001.

que indivíduos dispersos geograficamente pudessem ter acesso à mesma informação e aos mesmos conteúdos de entretenimento, não obstante estarem mais ou menos próximos dos centros de poder, fomentando o sentimento de pertença a uma comunidade nacional através da partilha das mesmas experiências auditivas (Hilmes, 2002).

Numa fase embrionária do meio sonoro, em que a própria linguagem radiofónica estava ainda a ser desenvolvida, Fernando Pessa teve a oportunidade de deixar uma marca indelével na forma de fazer rádio dado ser o locutor responsável pelas transmissões mais complexas, nomeadamente as que implicavam a mobilização de elevados recursos técnicos para o exterior. Tal permitiu-lhe adquirir um estatuto singular no interior da estação oficial que, desde o seu surgimento, haveria de desempenhar uma função de relevo na estratégia de propaganda do Estado Novo, não obstante todas as hesitações e as recusas de Salazar a pedidos de investimento determinantes para a melhoria das condições de receção tanto na metrópole como nas colónias (Ribeiro, 2005).

Nos primeiros anos de vida oficial, a Emissora Nacional foi liderada pelo Capitão Henrique Galvão, cuja ação haveria de ser determinante para o ingresso de Fernando Pessa na BBC ainda antes do deflagrar da IIª Guerra Mundial. Nomeado em junho de 1935, a Galvão competiu gerir a transição das emissões experimentais para as transmissões regulares. A sua experiência colonial levou-o a ser um defensor do papel da rádio na ligação entre a metrópole e o império, sendo, consequentemente, um admirador do trabalho desenvolvido pela estação britânica que havia estabelecido o seu Serviço Imperial em 1932 (Potter, 2012); um ano no qual existiam em Portugal apenas estações privadas de pequena dimensão, com exceção do Rádio Clube Português que se vinha afirmando, desde o início dos anos 30, como uma estação de ambição nacional e que, consequentemente, procurava assegurar uma cobertura alargada do país e até dos territórios coloniais (Ribeiro, 2005; Santos, 2005).

Após a inauguração oficial, ocorrida em Agosto de 1935, a Emissora Nacional apostou, de modo mais regular, em reportagens no exterior, muitas das quais destinadas a acompanhar eventos de propaganda do regime. A título de exemplo, logo nos primeiros meses das emissões oficiais, Fernando Pessa acompanhou a alocação do Ministro da Marinha, Manuel Ortins Bettencourt, à guarnição do novo contratorpedeiro Douro⁵ e a visita deste mesmo governante ao Centro de Aviação Marítima por ocasião do aniversário da viagem aérea ao Brasil.⁶ Diversos eventos culturais foram igualmente radiodifundidos pela estação oficial, implicando a deslocação de uma equipa de reportagem, como foram os casos dos concertos da orquestra da Emissora Nacional no Parque Eduardo VII aquando da Exposição de Rádio e

5 Arquivo Empresa Pública Jornal *O Século*, Álbum nº 039, 11 fevereiro 1936.

6 Arquivo Empresa Pública Jornal *O Século*, Álbum nº 040, 30 março 1936.

Eletricidade, em novembro de 1935,⁷ e a festa artística do primeiro maestro titular da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, Pedro de Freitas Branco, realizada no Teatro São Luís, em 1936.⁸ No quadro do Estado Novo, as expressões culturais eram frequentemente utilizadas para promoção do ideário do regime, competindo, nestes casos, aos locutores acompanhar e dar a devida visibilidade aos respetivos eventos. Nos primeiros anos destacaram-se as cerimónias de entrega dos prémios literários do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) — uma iniciativa enquadrada na política do espírito promovida por António Ferro — que Fernando Pessa relatou para os ouvintes da estação oficial.

A possibilidade oferecida aos ouvintes de acompanhar em direto estes e outros eventos, apresentados como sendo da maior importância cultural, política e social, foi algo novo trazido pela rádio ao quotidiano dos portugueses, e que paulatinamente foi alterando as suas práticas do dia-a-dia à medida que foi aumentando o número de recetores de rádio disponíveis. A par das mudanças que acabaram por ser introduzidas nos hábitos de consumo de informação e entretenimento (Douglas, 2004), a rádio trouxe também a novidade da criação de um *star system* em que muitos ouvintes se diziam admiradores de um ou mais locutores. Fernando Pessa, por ser aquele que realizava a grande maioria dos exteriores, acabou por gerar a simpatia de muitos ouvintes, os quais lhe dirigiram inúmeros louvores pela qualidade do seu trabalho. Alguns destes elogios foram secundados pelos próprios responsáveis da estação oficial, como aconteceu em Dezembro de 1935, no primeiro Natal de emissões oficiais, quando Henrique Galvão destacou a elevada dedicação de Fernando Pessa, a qual se espelhava nas múltiplas tarefas que tinha a seu cargo.⁹ A par da apresentação de programas em estúdio, e das reportagens no exterior, o locutor era igualmente responsável pela leitura das notícias, função que repartia com as suas colegas locutoras. Os noticiários da estação eram então produzidos pelos assistentes literários com base em telexes de agências noticiosas e nas notícias da imprensa. Tal levava a que os blocos informativos se assemelhassem a um exercício de leitura dos jornais, no que Rogério Santos, no capítulo 1 deste livro, designa por modelo inorgânico de noticiários.

Desde os primeiros tempos da sua transmissão, os noticiários da Emissora Nacional ficaram conhecidos pela sua extrema formalidade, o que obrigava os locutores a adotar um tom monocórdico de modo a garantir que não enfatizavam nenhuma das palavras, o que lhes era expressamente vedado de acordo com as normas em vigor. Em Maio de 1936, Henrique Galvão assinou uma ordem de serviço em que estabelecia regras mais rígidas para a leitura dos noticiários e previa sanções para os locutores nos casos em que estes realizassem inflexões de voz indesejáveis.¹⁰

7 Arquivo Empresa Pública Jornal *O Século*, Álbum nº 037, 19 novembro 1935.

8 Arquivo Empresa Pública Jornal *O Século*, Álbum nº 041, 1936.

9 Henrique Galvão, “Ordem de Serviço nº 69”, 19 Dezembro 1936, in Arquivo RTP.

10 Henrique Galvão, “Ordem de Serviço nº 100”, 5 Maio 1936, in Arquivo RTP.

O controlo do estilo de leitura não se afigurava como uma excentricidade, mas antes enquadrava-se na política de fiscalização que abrangia todos os conteúdos emitidos pela estação oficial. Os noticiários eram particularmente vigiados, sendo os textos sujeitos a um escrutínio rigoroso pela própria direção da Emissora. Após o início da IIª Guerra Mundial, todas as notícias de âmbito internacional tinham de ser autorizadas pelo próprio Presidente da Comissão Administrativa antes de poderem ser emitidas (Ribeiro, 2005), dado o receio de que pudesse ser colocada em causa a neutralidade portuguesa ou que os ouvintes viessem a criar uma imagem positiva de países cujos regimes tinham uma natureza diferente da do Estado Novo. Para além dos mecanismos de controlo e de censura internos, as fontes de informação mais utilizadas eram as agências de notícias cujos telegramas eram igualmente objeto de censura (Ribeiro, 2014a). Sendo os conteúdos objeto de uma vigilância política apertada, havia também que garantir que, aquando da leitura ao microfone, nada colocasse em causa a mensagem oficial que se pretendia transmitir. Concomitantemente, a sobriedade imposta na leitura dos blocos noticiosos correspondia também ao estilo que a Emissora Nacional impregnava a toda a sua programação. O facto de ser a voz oficial do Estado e do regime levava a que se apresentasse aos ouvintes, em quase todos os momentos de programação, com uma linguagem e sonoridade solenes.

Dentre os primeiros locutores, aquele que mais teve dificuldades em conviver com este tipo de linguagem foi Fernando Pessa que, desde cedo, procurou criar um estio próprio de locução que o aproximasse do público, socorrendo-se de coloquialismos, os quais lhe valeram inúmeros reparos por parte da direção. A título de exemplo, em janeiro de 1937, foi-lhe feita uma recomendação escrita para que se abstinésse de utilizar expressões consideradas pouco adequadas para uma estação com as responsabilidades da Emissora Nacional: “Recomenda-se ao locutor Fernando Peça [sic] que deve evitar certas familiaridades que usa ao microfone. Por exemplo: No Retiro da Severa despede-se: “Até já” ou “Até logo”. Evite-se essa forma de locução.”¹¹

Tal “recomendação” foi lavrada depois de, na noite de Natal, Fernando Pessa ter lido as boas festas acompanhado de um peru, o que mereceu um grande destaque no jornal oficial da estação. Contudo, mesmo neste contexto, a linguagem manteve a formalidade habitual: “A Emissora Nacional recorda a palavra de Jesus a todos os portugueses. Aos que vivem na terra-mãe e aos que labutam em países estranhos e longínquos, a Emissora Nacional envia o seu voto sincero de Boas Festas”.¹²

Ainda que, ao longo dos anos, outros locutores fossem objeto de reparo pela sua tentativa — às vezes conseguida — de utilizar uma linguagem mais informal, como foi o caso de

11 Henrique Galvão, “Ordem de Serviço nº6”, Janeiro 1937, in Arquivo RTP.

12 “Um Peru deu as Boas-Festas aos radiófilos portugueses”, *Rádio-Semanal*, 2 Janeiro 1937.

Olavo d'Eça Leal,¹³ admitido como locutor em 1937, Fernando Pessa foi aquele que primeiro ousou tentar romper com o excesso de formalidade da estação, levando a que acumulasse repreensões escritas pelo facto de insistir em contrariar o “ar ponderado e grave”¹⁴ que a administração pretendia imprimir à programação. As tentativas de, em alguns momentos, se distanciar do cinzentismo das emissões mantiveram-se durante todo o período em que trabalhou na Emissora Nacional. No final do primeiro semestre de 1938, num tom que deixa transparecer algum cansaço por ter de recordar o que considerava óbvio, Henrique Galvão puniu o locutor com uma repreensão escrita pelo facto de ter ousado incluir alguns risos aquando da transmissão de uma Ópera:

Julgava já desnecessário [lembrar] aos Senhores locutores que lhes é vedado fazer ao microfone prova do seu espírito com as alusões jocosas, os risos e as inflexões de voz intencionadas que em certa altura constituíram moda neste estabelecimento. Vejo que infelizmente assim não é ao tomar conhecimento do que se passou com a leitura do argumento da Ópera “Tristão e Isolda” feita pelo locutor Sr. Fernando Pessa, em que, perdido por completo o sentido das proporções, este senhor se permitiu sublinhar com risos certas passagens do mesmo argumento. [...] A fim de evitar a repetição de factos semelhantes que seja punido o locutor [...] com a pena de repreensão registada.”¹⁵

A formalidade que se esperava da leitura dos noticiários enquadrava-se no estilo global adotado pela emissora oficial, a qual se posicionava como uma estação que cultivava a elevação cultural dos seus ouvintes. Posicionando-se como uma estação elitista, que apenas cedia ao gosto popular em alguns programas, como nas transmissões de fado em direto do “Retiro da Severa, a Emissora Nacional apresentava noticiários que apenas eram acessíveis a uma pequena franja da população, tanto pela linguagem utilizada como pela falta de contextualização das notícias. Foi com este estilo que Fernando Pessa tentou romper, nomeadamente nas reportagens no exterior, nas quais tinha muitas vezes de se socorrer do imprevisto — o que lhe permitia ter um pouco mais de liberdade criativa, ainda que sempre no tom formal adotado pela estação.

As transgressões ao estilo oficial eram do agrado das classes mais populares de ouvintes, o que pode ser constatado pelo sucesso das transmissões que Fernando Pessa haveria de realizar na BBC, estação na qual lhe foi dada alguma liberdade para desenvolver uma comunicação com algum nível de informalidade e, sempre que adequado, com recurso à ironia. Ainda que estas características do estilo de locução de Fernando Pessa em muito tenham

13 Henrique Galvão, “Ordem de Serviço nº 55”, 1937, in Arquivo RTP.

14 “Microfone”, *Rádio Nacional*, 27 Fevereiro 1938.

15 Henrique Galvão, “Ordem nº 32”, 1938, in Arquivo RTP.

contribuído para o sucesso da estação britânica junto do público português, acabariam também por lhe valer alguns dissabores, como detalharemos na secção seguinte.

2. Fernando Pessa: O Locutor Mais Emblemático da Voz de Londres

Para o Estado Novo, os meios de comunicação deviam estar ao serviço do regime, havendo, por isso, um aparato de entidades responsáveis pelo controlo dos conteúdos publicados, radiodifundidos ou exibidos, cujas funções iam muito além da censura, tendo a própria Direcção dos Serviços de Censura a capacidade de “recomendar” a inclusão de notícias nos diversos meios (Gomes, 2006; Ribeiro, 2014a). Não obstante todas as restrições impostas ao funcionamento dos jornais, era através destes que as potências estrangeiras procuravam promover-se junto da população portuguesa. Tal assumiu uma importância capital nos anos que antecederam o deflagrar da II^a Guerra Mundial, em que tanto a Alemanha como o Reino Unido procuraram demonstrar a sua supremacia em diferentes setores de atividade, enquanto promoviam a ideia de que tinham o maior interesse em cultivar boas relações com Portugal. Não admira, por isso, que os governos de Berlim e de Londres convidassem jornalistas para realizarem visitas aos respetivos países. No caso da rádio, não estando instituída a profissão de noticiário ou jornalista, os convites eram habitualmente endereçados aos chefes de produção ou aos locutores que davam voz aos noticiários. Foi assim que Fernando Pessa visitou a rádio alemã — a *Reichs Rundfunk Gesselchaft* — em Berlim em 1938.¹⁶ Paralelamente, em fevereiro e março desse ano realizou um estágio no Serviço Latino-Americano da BBC, em Londres, a convite de Robert Edgar Broughton, então responsável pelos noticiários transmitidos para o Brasil.

De acordo com o próprio Fernando Pessa, a sua curta estadia em Londres teve um grande impacto na sua forma de fazer rádio, dado ter sido aí que contactou com técnicas de comunicação radiofónica ainda desconhecidas em Portugal. Alguns meses após o seu regresso a Lisboa e à Emissora Nacional, foi contactado por Malcolm Frost, Diretor do Departamento de Informação Exterior da BBC, que o convidaria a assumir o lugar de editor do serviço de noticiários da Secção Brasileira. Na sua decisão de aceitar o convite, e de se mudar para Londres com uma licença sem vencimento, pesou o apoio que sentiu por parte de Henrique Galvão que o incentivou a aproveitar a oportunidade para aprender mais sobre produção e locução naquela que, já à época, era uma das estações de radiodifusão mais prestigiadas a nível mundial: “O Capitão Henrique Galvão achava que era uma boa oportunidade para eu me tornar num verdadeiro profissional e então aceitei o convite”.¹⁷

16 “Fernando Pessa. Locutor da EN fala-nos da sua viagem à Alemanha”, *Rádio Semanal*, 29 Outubro 1938.

17 Entrevista a Fernando Pessa, 19 Julho 2001.

Aquando do ingresso de Fernando Pessa na BBC, enquanto funcionário da Secção Brasileira, o governo britânico não havia ainda definido planos para o início das transmissões para Portugal, o que apenas veio a ocorrer no ano seguinte, enquanto Londres aguardava, com expectativa, a reação de Salazar à proposta de Franco para que assinasse o Tratado de Não-Agressão (Telo, 1998), a qual previa que nenhum ataque seria lançado contra Espanha a partir de Portugal e vice-versa. O texto mencionava igualmente a intenção de Franco em manter uma posição de neutralidade numa eventual guerra, o que interessava especialmente à Grã-Bretanha dadas as relações ideológicas dos regimes ibéricos com os autoritarismos continentais.

Durante o impasse para a assinatura do Tratado, o governo britânico pressionou Salazar a aceitar a proposta, a qual garantiria uma Península Ibérica neutra. A pressão exercida junto do embaixador português em Londres, Armindo Monteiro, foi particularmente visível em janeiro de 1939, coincidindo com os primeiros apelos por parte do embaixador britânico em Lisboa para que a BBC iniciasse um serviço de notícias dirigido a Portugal. Sir Walford Selby considerava este serviço essencial para que fosse possível combater, com as mesmas armas, a propaganda alemã que circulava em Portugal. A posição do Embaixador foi resumida da seguinte forma num memorando interno do Foreign Office: “O Embaixador de Sua Majestade em Lisboa exortou recentemente a B.B.C. a produzir emissões para Portugal em português. Os alemães difundem todas as noites material de alto valor propagandístico e Sir Walford Selby julga que seria uma grande vantagem se a B.B.C. pudesse responder a estas emissões alemãs em português com um boletim noticioso na nossa habitual linha, objetiva e precisa.”¹⁸

As emissões para Portugal iniciaram-se a 4 de junho de 1939, tendo o discurso inaugural sido proferido por Armindo Monteiro. O embaixador considerou que as transmissões eram um sinal do interesse do Reino Unido em promover um maior contacto entre os dois países e uma “manifestação d[a] política de amizade, que tão inequivocamente os altos poderes do Estado afirmam.” Sobre o facto de a BBC se apresentar como uma emissora que difundia informação isenta e objetiva, Armindo Monteiro considerou tratar-se de uma linha editorial guiada pelos mesmos valores do Governo português cuja ação dizia basear-se “[n]uma política de verdade”.¹⁹

Nos primeiros meses, as transmissões da BBC consistiram exclusivamente num noticiário emitido às 22 horas. Seguiu-se, em setembro, a introdução de um segundo bloco informativo à hora do almoço.²⁰ Os noticiários procuravam apresentar uma súmula dos principais desenvolvimentos políticos e militares da guerra, não havendo espaço para a transmissão de notícias locais. Contudo, à semelhança do que haveria de suceder com outros serviços em línguas estrangeiras da BBC, não demorou muito até o Foreign Office perceber que as

18 Cf. Minuta do *Foreign Office*, Janeiro 1939, in The National Archives (TNA), FO 395/625.

19 “Portuguese Service Scripts”, in BBC Written Archives Center (WAC), 4 Junho 1939.

20 “Development of Portuguese Service for Europe”, in BBC WAC, E2/490.

notícias sobre Portugal tinham a capacidade de atrair um maior número de ouvintes²¹ e, desde que transmitidas no tom certo, poderiam também servir para manter boas relações com o regime de Salazar.²² A Embaixada Britânica em Lisboa foi então encarregue de enviar notícias para Londres de modo a que pudessem ser remetidas à BBC para inclusão nos noticiários para Portugal.²³ Enquanto isso o Serviço Português promovia-se como a “voz da verdade”, procurando fomentar a ideia de que não existia qualquer interferência política na seleção e na edição das notícias que chegavam aos ouvintes portugueses (Ribeiro, 2014b).

Fernando Pessa não foi uma das primeiras vozes do Serviço Português, tendo continuado ligado ao Serviço Brasileiro para o qual havia sido contratado mesmo após o início das emissões para Portugal. Uma das primeiras vozes a chegar ao público português que sintonizava as emissões da BBC foi Augusto Fernandes da Silva, conhecido por ser um “homem discreto, de poucos gestos, e visivelmente anglicizado” (Cláudio, 2011, 339). Henrique Galvão, que em Lisboa seguia as transmissões da BBC em língua portuguesa, escreveu à estação britânica a sugerir que considerasse utilizar Fernando Pessa nas suas emissões, o que acreditava ter o potencial de aumentar a notoriedade dos noticiários da estação britânica entre os ouvintes portugueses. Apesar desta sugestão, e de considerar que havia espaço para a introdução de melhorias, o Presidente da Emissora Nacional reconhecia a qualidade dos noticiários emitidos pela Voz de Londres — como viria a ser conhecido o Serviço Português — numa altura em que os blocos informativos da rádio em Portugal eram ainda algo incipientes. A prova do reconhecimento do valor acrescentado dos noticiários da BBC em língua portuguesa encontra-se no facto de a estação oficial portuguesa ter retransmitido o bloco informativo da BBC em língua portuguesa, durante cerca de cinco meses, ou seja, entre o início do Serviço Português, em julho de 1939, e o final de novembro desse mesmo ano, data em que a neutralidade na guerra obrigou a Emissora Nacional a prescindir da retransmissão (Ribeiro, 2014b).

A transferência de Fernando Pessa para a Secção Portuguesa acabou por ter lugar, não pelo facto de a sugestão de Henrique Galvão ter sido acolhida, mas pela necessidade sentida pela estação em não criar atritos na relação entre os governos de Londres e de Lisboa. A primeira vez em que leu o noticiário para Portugal foi quando, à última da hora, foi chamado para substituir Augusto Fernandes da Silva que não havia comparecido ao trabalho nesse dia. Numa situação normal, a ausência do locutor seria suprida por Armando Cortesão, que exercia funções de tradutor na Secção Portuguesa.²⁴ Contudo, o facto deste último ser um conhecido dissidente do Estado Novo fez soar os alarmes²⁵ na Broadcasting House, onde estavam

21 Carta remetida por R.A. Leeper (F.O.) a W. Selby, 26 Maio 1939, in TNA, FO 395/628.

22 Carta remetida por Marcus Cheke ao Departamento de Informação do *Foreign Office*, 11 Maio 1939, in TNA, FO 395/628.

23 Carta remetida por R.A. Leeper (F.O.) a W. Selby, 26 Maio 1939, in TNA, FO 395/628.

24 Cf. Entrevista a Fernando Pessa, 19 Julho 2001.

25 Cf. “Fernando Pessa”, *Rádio Nacional*, 12 Novembro 1939. Mesmo sem que a sua voz fosse ouvida ao microfone, a

instalados os serviços de transmissão para a Europa até ao bombardeamento do edifício em dezembro de 1940. Antevendo uma possível reação de Salazar, caso a voz de Cortesão fosse ouvida em Portugal, a BBC solicitou ao locutor da Secção Brasileira que assegurasse a leitura do noticiário para Portugal. O próprio recordou este episódio ocorrido em novembro de 1939:

A BBC contratara o Armando Cortesão — o meu amigo Armando Cortesão! — com a promessa de nunca o deixar aparecer aos microfones... De cá tinham medo que ele se pusesse a dizer mal do Salazar, sei lá! Mas nesse dia, quando o tal locutor faltou, o Armando Cortesão pegou na máscara e no capacete — era obrigatório irmos para o estúdio de máscara antigás e capacete! — e preparava-se já para avançar com o noticiário. Foi então que, alarmados, me foram buscar à secção brasileira, e lá fui eu pegar aquilo de caras! [...] Choveram cartas a dar os parabéns — e lá fiquei até ao fim da guerra (Costa, 1996, 32).

A mudança de Fernando Pessa para a Secção Portuguesa não foi imediata, mas a ideia fez o seu caminho após este ter lido o primeiro noticiário para Portugal. Além de ter gerado reações positivas de diversos ouvintes, o acontecimento foi noticiado no jornal oficial da Emissora Nacional. Após a sua transferência em 1940, não demorou muito até se transformar no locutor mais carismático do Serviço Português, o que em parte se ficou a dever ao seu estilo de locução; o mesmo que lhe havia causado alguns dissabores na Emissora Nacional. A entoação que dava às palavras, quando ao microfone da Voz de Londres, foi uma das razões da sua popularidade junto dos ouvintes, que lhe reconheciam o estilo peculiar que aprimorou após a formação que recebeu na BBC: “Um homem que havia sido convidado para nos dar formação ensinou-me algo que nunca me esqueci: ‘um bom locutor não lê o que está escrito no papel. Um bom locutor apresenta o que está escrito no seu próprio estilo’. Eu comecei a melhorar o meu próprio estilo ao microfone depois deste conselho.”²⁶

A política de estimular a personalização do estilo de apresentação dos noticiários foi iniciada pela BBC exatamente no ano de 1940. O objetivo era o de permitir aos ouvintes identificar quem estavam a ouvir ao microfone e, deste modo, impedir que estações “negras” alemãs fossem confundidas com a emissora britânica (Crissell, 1994); confusão que se tornava mais simples de fomentar quando todos os locutores soavam do mesmo modo por não haver uma personalização do seu estilo de apresentação. De acordo com o historiador oficial da BBC, Asa Briggs (1970, 202), a identificação do nome dos locutores “para que os ouvintes pudessem reconhecer as suas vozes”, significou o “reconhecimento de que a fonte era mais importante do que o meio ou a mensagem”. Deste modo, a personalidade do locutor passou

presença de Cortesão na BBC viria a provocar tensão diplomática entre os dois países, a qual culminaria no despedimento do tradutor da estação britânica no final de 1941 (Ribeiro, 2014b).

26 Entrevista a Fernando Pessa, 19 Julho 2001.

a ser uma garantia de qualidade da informação que estava a ser transmitida, o que, aliás, explica que, em Portugal, muitos ouvintes atribuísem um maior nível de credibilidade aos noticiários quando estes eram apresentados por Fernando Pessa, cujo estilo apreciavam e consideravam ser merecedor de confiança.

Uma das características marcantes do principal locutor da Secção Portuguesa foi o tom positivo que sempre procurou imprimir na leitura das notícias, mesmo quando tinha de relatar reveses sofridos pelos Aliados na guerra. Como o próprio reconheceu, ao imprimir tal tom, o seu objetivo era transmitir a ideia de que melhores dias estariam a chegar (Costa, 1996, 33-34), fomentando assim a esperança na derrota do Eixo. Diversos ouvintes que escreveram para a BBC durante a guerra sublinharam esta característica de Fernando Pessa e apontaram-na como uma das razões que contribuía para que os noticiários de Londres fossem amplamente ouvidos pelos portugueses. Também a representante da BBC em Portugal, Margery Withers, que se ocupava da recolha de informação junto dos ouvintes, escreveu inúmeros relatórios nos quais reconheceu que o tom imprimido por Fernando Pessa na leitura dos noticiários era uma mais valia para o crescimento da audiência. Num relatório interno da BBC relatou o caso de um capitão de navio que havia afirmado que “mesmo quando havia más notícias, o Pessa tinha uma maneira de as tornar suportáveis.”²⁷ Nesse mesmo relatório reportou o facto de muitos ouvintes considerarem que o estilo de Fernando Pessa se havia tornado no cânone seguido por todos os que apresentavam noticiários e programas na Secção Portuguesa. De igual modo, um dos membros do Gabinete de Imprensa da Embaixada Britânica em Lisboa reconheceu que “todos os locutores portugueses parec[ia]m estar a moldar-se ao estilo do Pessa”, o que considerava um potencial problema: “Quando vários locutores usam a mesma técnica, as pessoas tendem a perder tempo a tentar perceber se estão a ouvir o próprio Pessa, o que os leva a não prestar a devida atenção ao assunto da transmissão.”²⁸

Este testemunho remete para uma questão central na informação radiofónica: a importância do estilo de locução em comparação com o conteúdo das notícias. Nos estudos de rádio são diversos os autores que alertaram para o facto de apenas se poder avaliar a mensagem quando se tem em conta a forma de apresentação que é determinante para o modo como o conteúdo é apreendido pelo ouvinte (*vide* Rodero Antón, 2013). A BBC parecia estar bem consciente deste facto no início dos anos 40, o que a levou a fomentar que os locutores desenvolvessem o seu próprio estilo de locução. No caso de Fernando Pessa, além do tom positivo que procurava imprimir aos noticiários, e da utilização de inflexões de voz que visavam captar a atenção do ouvinte, ocasionalmente incluía “risadas sarcásticas” e não resistia

27 “BBC Survey of European Audiences — Portugal”, 9 Outubro 1944, p. 20, in BBC WAC, E2/198.

28 *Ibidem*.

“a pronunciar “senhor Hitler” de uma forma igualmente sarcástica”,²⁹ o que agradava a uma parte significativa da audiência que era pro-aliada.

O sucesso junto dos ouvintes portugueses levou a que, em inúmeras ocasiões, Fernando Pessa fosse considerado como “a voz da BBC”, sendo frequentemente elogiado na correspondência enviada para Londres pelos ouvintes portugueses. Tal apreciação manteve-se mesmo após o crescimento do número de locutores da Secção Portuguesa. Nos relatórios mensais produzidos pela estação britânica sobre o feedback recebido de Portugal, são inúmeros os relatos de como o seu estilo era apreciado e os erros relevados: “Na Covilhã não têm paciência com o locutor que está continuamente a cometer erros, mas, quando recentemente o Pessa cometeu um deslize, ficaram encantados com a forma como mais tarde corrigiu o engano e gostam dele mais do que nunca.”³⁰ De acordo com a mesma fonte, a sua apreciação era transversal de Norte a Sul: “Na Figueira da Foz as pessoas gostam muito da forma como o Pessa lê as notícias, ficando sempre desapontados quando ele não está de serviço. [...] Ele é relatado como sendo o herói dos ouvintes em S. Martinho do Porto”.³¹

Os relatórios produzidos pela BBC e pela Embaixada Britânica, mas também pela PIDE, convergem em reconhecer o elevado impacto dos noticiários da BBC e a popularidade de Fernando Pessa enquanto locutor principal da Voz de Londres, havendo inúmeros relatos de grupos de ouvintes que se juntavam regularmente, tanto em casas particulares, como em cafés e clubes recreativos, para, em conjunto, ouvirem o noticiário da BBC (Ribeiro, 2014). A escuta coletiva levava a que a decodificação das notícias fosse muitas vezes negociada entre os presentes após o final das transmissões. Nas missivas remetidas para a BBC, a par da apreciação do estilo de locução, muitos ouvintes referiam-se ao facto de a estação britânica relatar acontecimentos desconhecidos em Portugal, o que era, em grande medida, uma consequência da ação dos serviços de censura do Estado Novo. Aliás, a política de controlo da imprensa que vigorava em Portugal levou a que a BBC tivesse granjeado muito sucesso também pelo facto de ser apresentar como uma fonte de informação isenta e objetiva — “a voz da verdade” –, o que contrastava com as estações de rádio e a imprensa portuguesas obrigadas a seguir as orientações oficiais nomeadamente na cobertura da Frente de Leste (Ribeiro, 2014).

Tal como na Emissora Nacional, na BBC dos anos 40 os locutores eram responsáveis pela apresentação de todos os espaços de programação, tanto de teor informativo como de entretenimento. Tal permitiu a Fernando Pessa apresentar diferentes tipos de programas a partir de 1941, quando as transmissões para Portugal foram alargadas e passaram a incluir, a par dos noticiários, palestras, programas musicais e diversas rubricas, nomeadamente

29 “BBC Survey of European Audiences — Portugal”, 15 Dezembro 1944, pp. 18-19, in BBC WAC, E2/198.

30 *Ibidem.*

31 *Ibidem.*

sobre questões inglesas e de política internacional. De entre as rubricas, uma das que suscitou maior entusiasmo junto dos ouvintes em Portugal foi “O Calendário dos Ditadores”, traduzido e apresentado por Fernando Pessa, e no qual eram ridicularizados os líderes do Eixo. Transmitido em 1941 e 1942, passou a ser o espaço de programação mais comentado nas cartas de ouvintes que chegavam à BBC.³² Outros conteúdos apresentados pelo locutor e que geravam feedback maioritariamente positivo eram os programas musicais, com especial destaque para o transmitido aos domingos à noite e no qual o fado tinha especial relevo.³³ Para Michael Winch, editor da secção portuguesa da BBC, que visitou Portugal nos últimos meses de 1942, não havia dúvidas de que um grande número de portugueses continuaria a sintonizar a BBC desde que Fernando Pessa fosse mantido ao microfone.³⁴

3. A Expulsão da Legião Portuguesa e o Afastamento e Readmissão na BBC

Considerado por muitos ouvintes como o responsável máximo pelo Serviço Português da BBC,³⁵ Fernando Pessa foi alvo de diversas campanhas com o intuito de o desacreditar aos olhos do público. Uma das mais notórias foi lançada pelos serviços de propaganda alemães, aproveitando o mau estar que as emissões da BBC estavam a provocar junto das elites do Estado Novo pelo facto de terem passado a descrever a União Soviética, não como um perigo para a humanidade, mas como um aliado na guerra contra o Eixo. Não será, aliás, uma coincidência que os primeiros problemas que o locutor teve de enfrentar com as instituições portuguesas tenham ocorrido no verão de 1941, após Hitler ter lançado a Operação Barbarossa e a União Soviética se ter juntado aos Aliados. A postura que o regime viria a ter em relação a Fernando Pessa contrasta com o modo como, até então, havia cultivado boas relações com o locutor. No primeiro semestre de 1940, na primeira viagem que realizou a Lisboa na qualidade de enviado da BBC, foi recebido na Emissora Nacional onde foi entrevistado sobre o quotidiano de Londres no contexto da guerra. Na entrevista agradeceu as críticas e sugestões que vinha recebendo dos ouvintes “de Portugal e do seu Império” e sublinhou o trabalho que a BBC estava a desenvolver de modo a assinalar os Centenários da Restauração e da Independência de Portugal que se assinalariam nesse ano e que viriam a ser o maior evento de propaganda do Estado Novo.³⁶

32 Relatório da Embaixada Britânica em Lisboa, “Summary of reports no. 95 & 96 — from 13 to 27 July 1941”, in TNA, FO 371/26818.

33 “BBC Survey of European Audiences — Portugal”, 25 Maio 1943, p. 16, in BBC WAC, E2/198.

34 Michael Winch, “Report on Conditions in Portugal with Special Reference to Broadcast Propaganda”, Janeiro 1943, in TNA, FO 371/34691.

35 *Ibidem*.

36 Transcrição da entrevista concedida à Emissora Nacional, não datada, in BBC WAC E1/1163.

A preocupação em elogiar Portugal estava presente no dia-a-dia da BBC, o que deve ser entendido no contexto da estratégia que o Ministry of Information e o Foreign Office haviam desenhado para a Secção Portuguesa, a qual passava por não hostilizar o regime de Salazar. Tal como a BBC, também Fernando Pessa considerava poder conciliar o apoio aos aliados com a manutenção de boas relações com as instituições portuguesas, o que, contudo, se veio a revelar impossível. Em julho de 1941, a Legião Portuguesa decidiu expulsar o locutor das suas fileiras, acusando-o de não respeitar a posição de neutralidade que Portugal havia assumido na guerra. Tudo indica que a reação da Legião foi motivada por uma palestra na qual o locutor havia considerado o comunismo e o nazismo como “condenáveis e nocivos”. Além de equiparar os dois regimes, o que a Legião refutava pelo facto de considerar que nenhuma ideologia era tão merecedora de condenação como a comunista, noutros textos, nomeadamente em palestras da autoria de Wickham Steed lidas por Fernando Pessa, a União Soviética era apresentada como tendo “possibilidades de resistência e de triunfo na guerra”. A leitura destes textos foi considerada pela Junta Central da Legião Portuguesa como uma clara violação dos deveres do legionário.³⁷

Cabe aqui recordar que, não obstante a posição de neutralidade assumida por Portugal na guerra, a Legião Portuguesa havia manifestado o seu apoio às potências do Eixo, sendo uma das instituições mais reacionárias do regime (Rodrigues, 1996). Tal explica o modo como decidiu lidar com o “caso” de Fernando Pessa, não apenas durante a guerra, mas ao longo das décadas seguintes, impedindo-o de trabalhar em qualquer organismo oficial do Estado, nomeadamente na Emissora Nacional.

Conhecida a decisão de expulsão tomada pela Junta Central da Legião Portuguesa, a estrutura de propaganda alemã apressou-se a disseminar a ideia de que o locutor português mais conhecido da BBC havia sido seduzido pelos ideais comunistas. Ainda que tal informação não estivesse alicerçada em quaisquer factos, a Alemanha procurou associar a estação britânica à União Soviética e ao comunismo que Salazar havia definido como o maior perigo para a humanidade. A campanha de desinformação alemã serviu-se de diversos meios, tendo chegado à Grã-Bretanha através da New British Broadcasting Station (NBBS), operada pelos alemães, mas apresentada como se fosse dirigida por um grupo de dissidentes ingleses (Connor, 2002; Bergmeier e Lotz, 1997). Em Portugal, o assunto foi explorado nas transmissões da Emissora de Berlim em língua portuguesa, tendo sido igualmente abordado por Fernando Pimenta, em artigos publicados no jornal pró-germanófilo *A Voz*.

A extensão da campanha que contra si foi movida levou Fernando Pessa a ler um esclarecimento na emissão da BBC para Portugal. No texto, acusava a rádio alemã de se agarrar “a todas as tábuas de salvação que lhe surgem no mar da Mentira”, misturando falsidades com

37 Memorando da Junta Central da Legião Portuguesa, 24 janeiro 1950, in Arquivo da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, Gabinete do Presidente, caixa 166, processo 1279/97, nº 17.

“uma ou outra ocorrência verdadeira”³⁸ com o intuito de enganar os ouvintes. Já em relação à Legião Portuguesa, o tom era claramente conciliatório, ao afirmar que compreendia a atitude tomada pela necessidade do governo português manter intacta a sua neutralidade, incluindo nos “mais insignificantes pormenores”.³⁹ Ao mesmo tempo em que assumia estar em Londres a pugnar pela causa aliada, desmentia categoricamente estar a defender o comunismo, tendo, contudo, reafirmado que também o nazismo lhe causava repulsa:

Diz-se que eu tenho defendido o maior inimigo do meu país — o Comunismo — e que bem mereço por isso o castigo que me foi aplicado. É falso. Sem nunca ter andado metido nos meandros da política barata [...] fui, por nacionalismo sincero, isto é, sem ser levado pelo desejo de ocupar um ou outro lugar, dos primeiros a alistar-me na Legião Portuguesa. [...] É que nessa hora, [...] pairava então sobre a península o perigo comunista, que os alemães e italianos não conseguiram combater com o desinteresse material que os heroicos Viriatos souberam manter na luta [...] erguendo mais alto a bandeira de Portugal. [...] Esse perigo foi debelado. Mas surgiu logo um outro muito maior — o do Nazismo, que por ser em tudo idêntico ao Comunismo, o guerreira, utilizando na luta todos os processos — honestos e desonestos. Odeio o Comunismo, mas não odeio menos o Nazismo; e como eu, os portugueses em geral.⁴⁰

No seu esclarecimento, Fernando Pessa adotou uma postura em tudo semelhante àquela que havia sido definida para a linha editorial das emissões para Portugal: condenação explícita das potências do Eixo, omissão de referências à proximidade ideológica do Estado Novo com o nazismo e o fascismo e elogios a Salazar e ao seu regime. No texto que leu sobre a sua expulsão da Legião Portuguesa, refutou as acusações da propaganda alemã, enquanto afirmou compreender a atitude da Legião que se assumia como defensora da neutralidade “tomada pelo governo a que, por graça de Deus, preside a eminente figura de Salazar”.⁴¹ Não obstante esta posição cautelosa, as referências à Legião Portuguesa nas emissões da BBC mereceram um protesto informal do embaixador português em Londres junto do Foreign Office.⁴² Seguir-se-iam outras manifestações de desgosto pelos textos lidos por Fernando Pessa, nomeadamente após a emissão da palestra “Os Germanófilos” da autoria do próprio locutor, e na qual este condenou aqueles que apoiavam o regime nazi cuja derrota classificou de inevitável. Neste texto, radiodifundido a 4 de junho de 1942, Fernando Pessa referiu-se aos vários grupos que, em Portugal, se diziam pró-alemães:

38 Fernando Pessa, “Esclarecimento”, transmitido a 3 de agosto 1941, Arquivo Diplomático, M. 151, Capa 06.

39 *Ibidem.*

40 *Ibidem.*

41 *Ibidem.*

42 Carta remetida por Armindo Monteiro a William Strang, 14 Outubro 1941, in Arquivo Diplomático, M.143 CP.

O [grupo] dos despeitados, ou seja, o daqueles que não têm conseguido triunfar na vida, se revoltam com tudo e contra tudo [...] O segundo grupo [...] é o dos néscios, e foi até agora talvez o mais numeroso. Os seus componentes são daquele género “Maria vai com as outras”. [...] Passando ao terceiro grupo, a que chamamos o dos oportunistas, classificamo-lo como sendo o daqueles que, ocultando-se ainda mais do que os outros, gostaria de entrar um dia para a História como qualquer Quisling ou Miguel de Vasconcelos, podendo assim auferir um tanto por cabeça, ao venderem os seus irmãos de sangue e a pátria que infelizmente lhes serviu de berço... ao bandoleiro-mór, ao Snr... Hitler (Pessa, 1942).

O excerto transcrito acima revela que, ao invés de se limitarem à apresentação dos noticiários, aos locutores da BBC era aberta a possibilidade de, em momentos específicos, serem autores de crónicas. Ainda que o conteúdo dos textos tivesse de estar alinhado com os interesses britânicos, tal revela que a estação esperava dos seus locutores que também contribuíssem com a produção de conteúdos que pudessem ajudar os ouvintes a compreender as implicações da situação política, social e económica que se vivia durante a guerra. Tal significa que a BBC encarava os seus “noticiaristas” (ainda que este conceito não estivesse em uso) como pessoas que deveriam ser capazes de produzir diferentes géneros jornalísticos, nomeadamente a reportagem e a crónica, numa altura em que a linguagem informativa em rádio estava ainda em fase de construção.

Não obstante a grande popularidade de Fernando Pessa lhe ter possibilitado o acesso a um estatuto inigualável ao de qualquer outro locutor da Voz de Londres, na fase final da guerra esta mesma popularidade tornar-se-ia num dos seus pontos fracos. O facto de utilizar uma linguagem com recurso a expressões populares, ao humor e ao sarcasmo, levou-o a ser criticado pelas elites portuguesas que expressavam o seu desagrado em relação ao seu estilo de locução. Em maio de 1943, um ouvinte, identificado como tendo um elevado nível de instrução, criticou do seguinte modo o que considerava ser a falta de qualidade de alguns programas apresentados por Fernando Pessa: “Temos de concordar que programas como a ‘Tourada’, embora divertido e apresentado dentro de um espírito carnavalesco, não são material adequado para uma organização de radiodifusão com as responsabilidades da BBC [...]. Coloca a BBC ao mesmo nível da rádio alemã que, como as peixeiras que gostam tanto do Pessa, não se destaca pelos seus padrões de bom gosto”.⁴³

Diversos relatórios produzidos pelos serviços diplomáticos em Lisboa e por membros da BBC em Portugal coincidiam na análise de que muitas das palestras utilizavam uma linguagem demasiado coloquial e recorriam ao humor, ridicularizando Hitler e membros do

43 “BBC Survey of European Audiences — Portugal”, 25 Maio 1943, p. 16, in BBC WAC, E2/198.

seu governo,⁴⁴ o que as tornava muito apelativas junto das camadas populares, mas menos apreciadas pelas elites que não se inibiam de expressar um claro preconceito em relação aos gostos das classes sociais mais baixas. Em 1943, num momento em que a Grã-Bretanha estava particularmente preocupada em manter boas relações com as elites do Estado Novo, a BBC acabaria por descontinuar espaços de programação que não eram bem recebidos pelas classes sociais mais altas. Consequentemente, foram significativamente reduzidos os programas de entretenimento apresentados por Fernando Pessa que, a partir de abril desse ano, e para desânimo de muitos ouvintes, passou a ter uma presença menos assídua ao microfone. De entre os inúmeros protestos que chegaram a Londres, um ouvinte de Vila Nova de Gaia apelou a que regressassem os espaços de programação de entretenimento aos domingos à noite: “Por favor, não deixem de transmitir programas apresentados pelo Pessa aos domingos à noite uma vez que são apreciados por todos. Eles são muito divertidos, especialmente aqueles em que o Pessa costuma cantar o fado.”⁴⁵

Em sequência da mudança de posicionamento da Voz de Londres, Fernando Pessa e o editor da Secção Portuguesa da BBC, B.S. Willimore (Briggs, 1970, 480), entrariam em rota de colisão (Costa, 1996, 31), levando a que o primeiro abandonasse a estação em novembro de 1943.⁴⁶ Antecipando uma reação negativa dos ouvintes, a BBC não anunciou a saída do locutor, mas antes informou que este iria de férias, o que levou a que muitos inquirissem sobre a data do seu regresso. Uma carta que chegou à Secção Portuguesa em fevereiro de 1944 afirmava que “em Lisboa todos sabem que ele deixou a BBC e porquê”, acrescentando que, “como consequência, a BBC perdeu uma larga percentagem dos seus ouvintes”.⁴⁷ Outras missivas dirigidas ao Foreign Office sugerem igualmente que, entre os ouvintes portugueses, se especulava sobre a ausência do locutor nas emissões na certeza de que existia “algum mistério relacionado com o desaparecimento do Senhor Pessa.”⁴⁸

Não obstante os relatórios internos produzidos pela Voz de Londres não serem muito explícitos sobre a natureza das especulações que circulavam em Portugal a propósito do afastamento de Fernando Pessa, houve quem considerasse que a BBC agia com base em motivações políticas, retirando do ar aquele que, para muitos ouvintes, representava a voz dos aliados na guerra. Na prática, a rescisão com a principal personalidade da Secção Portuguesa, a quem a própria estação havia incentivado que desenvolvesse um estilo próprio ao microfone, revelou-se um embaraço difícil de disfarçar tendo em conta a dimensão dos protestos dos ouvintes. Consequentemente, a Embaixada Britânica em Lisboa (Costa, 1996, 31) acabou por

44 *Ibidem.*

45 “BBC Survey of European Audiences — Portugal”, 16 Julho 1943, p. 13, in BBC WAC, E2/198.

46 Memorando interno da BBC enviado por B.S. Willimore ao Adido de Imprensa da Embaixada de Lisboa, 5 Outubro 1943, in BBC WAC, R13/199/2.

47 “BBC Survey of European Audiences — Portugal”, 28 February 1944, p. 10, in BBC WAC, E2/198.

48 *Ibidem.*

convidar Fernando Pessa a voltar à BBC, o que aconteceu a 6 de Março de 1944. Após o seu regresso, permaneceu na estação britânica, e na Secção Portuguesa, até junho de 1947, ainda que a sua colaboração fosse então restrita à leitura de noticiários, função na qual manteve intacto o seu estilo de apresentação.⁴⁹

4. O Regresso a Portugal

Após regressar a Portugal em 1947, Fernando Pessa considerou a possibilidade de voltar à Emissora Nacional, de onde acreditava ter partido, antes da guerra, com uma licença sem vencimento. Contudo, o facto de ter sido expulso da Legião Portuguesa tornou inviável que pudesse colaborar com a estação oficial. Tal levou-o a solicitar à Legião, em 1949, que lhe fossem dadas a conhecer as razões concretas do seu afastamento do organismo, tendo então sido informado de que, na base da decisão, estava o facto de, aos microfones da BBC, ter feito a apologia do comunismo e do bloqueio britânico às colónias portuguesas. A Junta Central da Legião Portuguesa considerou ainda de extrema gravidade que tivesse equiparado o nazismo ao comunismo: “Que o Snr. Fernando Pessa considerasse, como diz, Comunismo e Nazismo igualmente condenáveis e nocivos, era uma opinião que estava no seu direito de emitir em particular — mas não estava no seu direito de a emitir em público, como legionário”.⁵⁰ No documento que produziu em resposta à solicitação do locutor para que lhe fossem dados a conhecer os detalhes que haviam levado à sua expulsão, a Legião reconheceu que, da leitura de uma das palestras que havia motivado o processo, e que Fernando Pessa havia proferido na BBC, não constava “uma afirmação tão categórica, de apoio àquele bloqueio, como a que lhe fora atribuída”.⁵¹ Ainda assim, a Junta Central reiterou que o locutor era culpado de ter lido palestras do jornalista britânico Wickham Steed, as quais continham expressões que revelavam simpatia para com as forças soviéticas. Daqui resultou a manutenção da decisão de expulsão tomada em 1941, numa clara demonstração de que, quase cinco anos após o final da guerra, a Legião Portuguesa não havia mudado a sua orientação ideológica sendo incapaz de condenar o nazismo mesmo depois dos julgamentos de Nuremberga.

Fernando Pessa haveria de escrever a Oliveira Salazar em março de 1950, apelando para que este pudesse sanar o diferendo que o opunha à Legião Portuguesa e lembrando os elevados prejuízos pessoais que decorriam da situação em que se encontrava.⁵² O Chefe do Gover-

49 “BBC Survey of European Audiences — Portugal”, 15 Dezembro 1944, pp. 18-19, in BBC WAC, E2/198.

50 Memorando da Junta Central da Legião Portuguesa, 24 janeiro 1950, in Arquivo da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, Gabinete do Presidente, caixa 166, processo 1279/97, nº 17.

51 *Ibidem*.

52 Carta remetida por Fernando Pessa a Oliveira Salazar, 14 março 1950, in Arquivo da Secretaria-Geral da Presidência do Conselho de Ministros, Gabinete do Presidente, caixa 166, processo 1279/97, nº 17.

no pediu então um parecer à Junta Central da Legião Portuguesa que reafirmou a sua decisão. Como consequência, o locutor permaneceu inibido de ser funcionário da Emissora Nacional, tendo Salazar apenas permitido, por despacho por si assinado,⁵³ que pudesse colaborar num programa que, embora emitido na estação oficial de radiodifusão, era produzido e financiado pela Associação Industrial Portuguesa. Daqui resultou que Fernando Pessa pôde voltar a ser ouvido na Emissora Nacional, ainda que não fosse funcionário da estação.

Vendo-se impossibilitado de voltar a assumir um lugar no quadro da estação oficial, dedicou-se à dobragem de documentários para a Doperfilmes, uma distribuidora de cinema fundada por Joaquim Brás Ribeiro Belga que, em meados dos anos 50, viria a construir o Cinema Roma, em Lisboa. Os documentários, que à época eram exibidos antes das longas metragens, provinham de diferentes países, tendo Fernando Pessa viajado com frequência para diversas capitais europeias, nomadamente Roma, Londres, Paris e Madrid, onde realizava as dobragens em português dos documentários adquiridos pela Doperfilmes (Costa, 1996, 49). Nos anos 50 trabalharia ainda no Plano Marshall, onde, entre outras atividades, esteve também ligado ao departamento de relações públicas, tendo-se deslocado a Paris e Londres para a sonorização de filmes dedicados à promoção do Plano. Em 1959 foi também convidado, pela Embaixada Britânica em Lisboa, a assumir o lugar de Relações Públicas da I Anglo-Portuguese Military Tattoo que decorreu, de 29 de maio a 14 de junho, em paralelo com a I Exposição das Indústrias Britânicas. Ambos os eventos foram fruto do interesse britânico em explorar as relações comerciais com Portugal nas vésperas de ambos os países integrarem a lista de fundadores da EFTA. Na parada militar participaram mais de 400 militares britânicos que trouxeram até Lisboa um porta-aviões, três contratorpedeiros, uma fragata e um avião da RAF (Jennings e Smith, 2019), no que também foi interpretado como uma clara demonstração do investimento britânico na relação com Salazar.

O facto de Fernando Pessa ter sido escolhido para relações públicas deste evento, bem como o seu envolvimento nas ações de promoção do Plano Marshall, comprova que, no pós-guerra, existia já uma circulação entre as profissões de locutor e relações públicas, havendo por parte das entidades oficiais a perceção de que teriam a ganhar com a contratação de profissionais que conheciam o funcionamento dos meios de comunicação e que haviam construído uma imagem de credibilidade junto do público. No caso de Fernando Pessa, tal imagem foi construída sobretudo na BBC, em especial na apresentação de noticiários que os ouvintes reconheciam como sendo isentos (ainda que nem sempre o tivessem sido). Os seus serviços como relações públicas da I Anglo-Portuguese Military Tattoo levaram a que tivesse sido agraciado com as insígnias de Membro do Império Britânico (Costa, 1996).

53 Carta remetida por António Eça d'Queiróz a Oliveira Salazar, 26 abril 1954, AOS7CO/PC-38, Pasta 7.

As diversas ocupações que manteve após o seu regresso a Portugal não evitaram que procurasse sempre manter-se ligado à rádio. Além dos programas da Associação Industrial Portuguesa, apresentou também espaços de programação da responsabilidade da Câmara Municipal de Lisboa, tendo em 1954 insistido com Salazar para que este autorizasse a sua reintegração na Emissora Naiconal, o que foi recusado pelo então Presidente da estação oficial, António d'Eça Queiróz, o qual alegou, mais uma vez, a expulsão da Legião Portuguesa.⁵⁴ Ainda assim, Fernando Pessa continuaria a desenvolver o género reportagem nos vários programas que foi sendo autorizado a apresentar. Em 1956, com o estatuto de colaborador, e não funcionário, seria o primeiro locutor a aparecer nos ecrãs de televisão em Portugal quando, nas emissões experimentais da RTP, em direto do recinto da Feira Popular em Lisboa, apresentou a equipa de apresentadores da televisão portuguesa. Permaneceria ligado à RTP até ao final da sua vida profissional, ainda que apenas em 1976 tivesse passado a integrar os quadros da empresa, dado a Legião Portuguesa nunca lhe ter perdoado o facto de ter estado ao lado dos Aliados na IIª Guerra Mundial (Costa, 1996). Também na televisão ficaria sobretudo conhecido pelas inúmeras reportagens que realizou; o género que inaugurou na rádio portuguesa e com o qual mais se identificou ao longo da sua carreira profissional.

Conclusão

A diversidade e amplitude de funções desempenhadas por Fernando Pessa leva a que o mesmo não possa ser definido apenas como jornalista. Contudo, foi-o também ainda antes do conceito de jornalista de rádio sequer existir, tendo sido pioneiro na realização de reportagens e na criação de um estilo próprio de locução que empregou na leitura de noticiários, numa altura em que em Portugal pouco se havia pensado sobre a importância do estilo de apresentação para a comunicação eficiente da mensagem. Como locutor, colocou sempre uma preocupação especial na seleção das palavras, mas também na dicção e na entoação, personalizando os conteúdos que apresentava, o que o levou a granjear uma popularidade invejável junto dos ouvintes da Emissora Nacional e do Serviço Português da BBC.

Os noticiários da Voz de Londres, de que Fernando Pessa seria a principal voz ao longo de vários anos, trouxeram inovação à rádio que se ouvia em Portugal, rompendo com o tom monocórdico característico das estações portuguesas, especialmente da Emissora Nacional, e colocando os ouvintes em contacto com um novo tipo de bloco noticioso que haveria de adquirir grande popularidade no país. Embora não seja possível reconstruir as práticas de consumo de rádio existentes em Portugal no decurso da IIª Guerra Mundial,

54 *Ibidem.*

tudo indica que a BBC terá sido a estação radiofónica mais ouvida nos anos finais da guerra, superando os níveis de audiência das estações portuguesas (Ribeiro, 2014b). Tal significa que a estação britânica foi eficaz na introdução de um novo estilo de noticiário radiofónico em Portugal, que certamente terá servido de inspiração ao jornalismo radiofónico que se veio a desenvolver no pós-guerra.

O percurso de Fernando Pessa na rádio ilustra como o exercício de atividades jornalísticas — ainda antes destas serem designadas como tal –, mesmo no estrangeiro, foram condicionadas pelo Estado Novo. Além das transmissões da Voz de Londres terem sido alvo de intensa vigilância e pressão diplomática por parte do Estado Novo, o próprio Fernando Pessa estava bem consciente do impacto que as suas palavras tinham no país, tendo presente nos seus textos e nas suas locuções a importância de não criticar abertamente o Estado Novo, o que também lhe era exigido pela própria política editorial adotada pela BBC durante grande parte da guerra (Ribeiro, 2014). Paralelamente, a sua expulsão da Legião Portuguesa demonstra como o regime acompanhava de perto os noticiários e os espaços de opinião emitidos a partir de Londres. Não podendo exercer diretamente a censura, as autoridades portuguesas socorriam-se da condenação dos portugueses que trabalhavam na estação e da pressão diplomática com o objetivo de condicionar a linha editorial das emissões para Portugal.

Malgrado o facto de a história do jornalismo ser, muitas das vezes, escrita numa perspectiva nacional, o caso de Fernando Pessa ilustra como as conexões transnacionais podem ter um impacto significativo no desenvolvimento das práticas de produção jornalística e nos próprios hábitos de consumo de informação. Tal parece indiciar que há um caminho ainda por explorar rumo a uma compreensão aprofundada do modo como a produção do jornalismo em diferentes países se interinfluenciou em diversos períodos históricos e como a receção de notícias oriundas do estrangeiro moldou a perceção da realidade por parte das audiências.

Bibliografia

- Bergmeier, H. J. P. & Lotz, R. E. (1997). *Hitler's Airwaves: The Inside Story of Nazi Radio Broadcasting and Propaganda Swing*. Yale University Press.
- Briggs, A. (1970). *The History of Broadcasting in the United Kingdom: Volume III — The War of Words*. Oxford University Press.
- Cláudio, M. (2011). *Tiago Veiga — uma Biografia*. Dom Quixote.
- O'Connor, W. F. (2002). Expatriate American Radio Propagandists in the Employ of the Axis Powers, in M. Hilmes e J. Loviglio (eds.), *Radio Reader: Essays in the Cultural History of Radio*. Routledge.
- Costa, L. F. da (1996). *Peça por Pessa — Português, Repórter, "Oitenta e Catorze" Anos de Idade*. TV Guia Editora.
- Crisell, A. (1994). *Understanding Radio*. Routledge.
- Douglas, S. J. (2004). *Listening In: Radio and the American Imagination*. University of Minnesota Press.
- Gomes, J. C. (2006). *Os Militares e a Censura. A Censura à Imprensa na Ditadura Militar e Estado Novo (1926-1945)*. Livros Horizonte.
- Hilmes, M. (2002). *Only Connect: a Cultural History of Broadcasting in the United States*. Wadsworth/Thomson Learning.
- Jennings, B. R. J. & Smith, S. H. (2019). British Participation in the Quincentenary Commemorations of the Death of Prince Henry 'the Navigator' (1960), *Práticas da História — Journal on Theory, Histoigraphy and Uses of the Past*, 8, 85-138.
- Pessa, F. (1942). *A Voz de Londres. Os Germanófilos*. s.n.
- Potter, S. J. (2012). *Broadcasting Empire: The BBC and the British World, 1922-1970*. Oxford University Press.
- Ribeiro, N. (2005). *A Emissora Nacional nos Primeiros Anos do Estado Novo (1933-1945)*. Quimera.
- Ribeiro, N. (2014a). Reporting an Alternative Reality to 'Conveniently Guide' Public Opinion, *Media History* 23 (3-4), 360-375.
- Ribeiro, N. (2014b). *Salazar e a BBC na Segunda Guerra Mundial: Informação e Propaganda*. Almedina.
- Rodero Antón, E. (2013). Peculiar Styles when Narrating the News: the Intonation of Radio News Bulletins, *Estudios del Mensaje Periodístico* 19 (1), 519-32.
- Rodrigues, L. N. (1996). *A Legião Portuguesa. A Milícia do Estado Novo (1936-1944)*. Editorial Estampa.
- Santos, R. (2005). *As Vozes da Rádio 1924-1939*. Caminho.
- Santos, R. (2014). *A Rádio em Portugal: Sempre no Ar, Sempre consigo, 1941-1968*. Colibri.
- Schudson, M. (1978). *Discovering the News: A Social History Of American Newspapers*. Basic Books.
- Telo, A. (1998). As Relações Peninsulares num Período de Guerras Globais (1935-1945)", in F. Rosas (ed.), *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*. Colibri.